



A LITURGIA DAS HORAS: DEFINIÇÃO, RAÍZES E HISTÓRIA

The Liturgy of the Hours: definition, roots and history

Matheus Rodrigo Lubki¹

Resumo:

Sabe-se que existem inúmeras formas de espiritualidade dentro do Cristianismo. Desde formas remotas e regradas, as quais se remetem os antigos monges medievais, a práticas modernas, não tão regradas e mais soltas. Assim, o presente artigo tem por objetivo fazer uma análise de uma antiga prática de espiritualidade, a qual é baseada e regrada na liturgia, a saber, a Liturgia das Horas, a qual é ancorada no monasticismo medieval. Nesse sentido, importante é levar em consideração é o que é essa prática, quais são as suas bases no Antigo e Novo Testamento e qual sua história de desenvolvimento dentro da Igreja Cristã. A essas perguntas pretende-se responder.

Palavras-Chave: Teologia Prática; Liturgia; Espiritualidade; Liturgia das Horas.

Abstract:

It is known that there are numerous forms of spirituality within Christianity. From remote and ruled forms, which refer to the ancient medieval monks, to modern practices, not so ruled and looser. Thus, this article aims to analyze an ancient practice of spirituality, which is based on and regulated in the liturgy, namely, the Liturgy of the Hours, which is anchored in medieval monasticism. In this sense, it is important to take into account what this practice is, what its bases are in the Old and New Testament and what is its history of development within the Christian Church. These questions are intended to answer.

Keywords: Practical Theology; Liturgy; Spirituality; Liturgy of the Hours.

Introdução

Desde tempos mui remotos a oração faz parte da vivência de diversas tribos e povos. Ela não é algo específico de uma religião apenas, mas praticamente quase todas as religiões mundiais a praticam. No Cristianismo não é diferente, tem-se recomendações claras tanto nos Escritos Sagrados do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento. Em tempos tão conturbados de uma sociedade que corre apenas atrás de consumo, seja em roupas, calçados, itens da informática, acúmulo de riquezas dentro outros, como em qualificações acadêmicas para alcançar os primeiros, a oração deveria ter um lugar muito especial. Como será visto no presente artigo, a liturgia das

¹ Matheus Rodrigo Lubki é estudante no curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Luterana de Teologia – FLT, em São Bento do Sul, SC. Contato: matheus.lubki@flt.edu.br.

horas é um convite de oração ao longo dos momentos do dia, nos quais entrega-se tudo nas mãos de Deus. O presente artigo tem por objetivo definir o que é, quais são as suas bases bem como analisar a história do surgimento da liturgia das horas na história eclesial. Um segundo artigo explicará cada uma das horas bem como impulsos para sua prática nos dias atuais, nos tempos corridos em que vivemos.

Liturgia das horas: definição

A Liturgia das Horas² tem o objetivo de santificar o tempo durante o dia (horas), ao longo do ano (calendário eclesial). Por isso, em cada parte do dia são feitos pequenos momentos de louvor e ação de graças, onde é lembrado do pecado e da salvação em Jesus Cristo³. Além disso, a Liturgia das Horas chama a cada fiel a orar, cantar e entregar o dia [e a noite] nas mãos de Deus, assim como fazem os Salmos⁴. Com a sistematização dessas horas pré-estabelecidas para dedicar-se a Deus, a Liturgia das Horas tira a concepção pós-moderna de ser o tempo um deus que rege a vida do ser humano, tornando-o como algo de Deus⁵.

Conforme aponta Boissinot, “a Liturgia das Horas é uma escola de espiritualidade”⁶. Pois ela conduz quem a pratica a caminhar nas histórias bíblicas e na salvação em Cristo. Entretanto, para a sua prática, é necessária uma boa preparação. Pois além de uma vida em constante oração, a Liturgia das Horas exige conhecimento bíblico e uma iniciação à liturgia, uma vez que ela é bem regrada e colocada em tempos-chave no dia a dia, necessitando, assim, de uma vida disciplinada. Com isso, a espiritualidade é desenvolvida, assim como o inserir-se nas Escrituras Sagradas. Esse inserir-se nas Escrituras faz com que Deus fale aos ouvidos de cada fiel⁷. É somente na leitura delas que o fiel tem sua fé desenvolvida, uma vez que esta vem pelo ouvir da Palavra (Rm 10.17) e, junto com isso, o desenvolvimento de uma espiritualidade saudável, além de uma vida de oração constante. A Liturgia das Horas põe naquele que a pratica o sentido do louvor a Deus, assim como o “coloca diante da grandeza, da beleza, do amor infinito de Deus, revelado na criação, na história da salvação, no mistério de Cristo”⁸. Isso é uma espiritualidade saudável, ou seja, contemplar, estar diante desse Deus relacional.

A Liturgia das Horas seria voltar todo o ser da pessoa em direção a Deus. White salienta que ela é uma resposta em louvor a Deus dentro do contexto da vida diária, por exemplo, nas coisas mais simples do dia, como: o levantar do sol, as brigas em família, o tédio do trabalho, etc. A Liturgia das Horas dá a oportunidade para que os fiéis expressem o que estão sentindo nas diferentes ocasiões do dia e do momento pelo qual estão passando na vida, tendo sua característica de oração pública da igreja⁹. A qual é desenvolvida pelo relacionamento com Deus e

² A Liturgia das Horas possui diversas nomenclaturas para identificá-la. Tais como: Culto Diário; Serviço de Deus (*Opus Dei*); *Officium Divinum* (Ofício Divino); Oração das Horas; Liturgia das Horas; Orações dos Tempos do Dia; Liturgia dos Tempos do Dia; Culto dos Tempos do Dia. Cf. VOGEL, Ingrid. A Liturgia dos Tempos do Dia. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Cristoph; MEYER-BLANK, Michael; BIERITZ; Karl-Heinrich (Eds.). *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 108-109.

³ BOISSINOT, Alberto. *O Que é a Liturgia das Horas?* São Paulo: Loyola, 1988, p. 19.

⁴ COSTA, Valeriano dos Santos. Liturgia das Horas: a memória de Cristo ao longo do dia. In: *Revista da Cultura Teológica*. Ano XIV n.56 Jul/Set. São Paulo, 2006, p. 74.

⁵ Cf. VOGEL, 2013, p. 109.

⁶ BOISSINOT, 1998, p. 57.

⁷ Cf. BOISSINOT, 1998, p. 57-59.

⁸ BOISSINOT, 1998, p. 59.

⁹ WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 81. *tb. cf.* ALDAZÁBAL, José. *Instrução Sobre a Liturgia das Horas*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 27-28. IGLH 1.

com as pessoas. Aqui pode ser encontrado um norte para uma espiritualidade saudável, que somente é possível através de uma vida com práticas disciplinadas.

Percebe-se a partir disso que a prática da Liturgia das Horas é mui rica para a espiritualidade, tanto em nível individual quanto em nível relacional (Deus e as pessoas). Entretanto, como esta prática surgiu? Quais são suas raízes? Será que é algo bíblico, ou é uma prática monacal sem sentido?

Raízes da liturgia das horas no antigo testamento

No AT existem inúmeros textos que falam sobre oração, tais como: 2Sm 7.27; 1Rs 8.54; 9.3; Sl 4.8; 5.3; 55.17; 38.1,4; 39.12¹⁰. Texto mais importante entre esses é o Salmo 55.17, pois ele elenca algumas horas que eram seguidas para as orações de Davi. Assim diz o Salmo: “à tarde, pela manhã e ao meio-dia, farei as minhas queixas e lamentarei; e ele ouvirá a minha voz”. Também os Salmos 4.8 e 5.3 falam a respeito de horas de oração no dia. O primeiro é sobre o momento antes de ir dormir (seria uma Oração da Tarde¹¹), e o segundo fala sobre a oração logo pela manhã, onde o salmista leva todas as suas súplicas para Deus (Oração da Manhã)¹². Além desses apontamentos, o Salmo 119.164 diz: “sete vezes por dia, eu te louvo pela justiça dos teus juízos”. Sacrifícios eram oferecidos no Templo duas vezes por dia (Êx 29.38-39). O povo orava de manhã e a tarde, juntamente com a oferta desses sacrifícios (Nm 28.4; Êx 30.7-8; 1Cr 23.30). Também Daniel tinha a prática de orar três vezes por dia (Dn 6.10). Assim, conclui-se que era praxis no AT a oração em determinados momentos do dia.

Na tradição judaica, as Orações da Manhã e Tarde, que eram celebradas entre as horas terceira, nona e a décima segunda, têm uma estrutura paralela. Aqui entra o “*Shema Yisrael*” de Dn 6.11 e Nm 15, além das dezoito bênçãos (*shemoneh éresh*), que formam o núcleo dessa estrutura¹³. De acordo com o Frei Beckhäuser, o *Shema* vespertino seria uma ação de graças por aquilo que Deus fez na vida de cada israelita. Já o *Shema* matutino também teria essa característica, mas em especial a aliança de Deus com seu povo, além de fazer com que essa aliança fosse lembrada a fim de despertar a criação “concedendo ao ser humano o alimento para o seu sustento na vida”¹⁴.

A partir dos textos citados anteriormente, pode-se perceber que a vida de oração era algo comum no cotidiano do AT. E, nos textos explanados sobre os Salmos, essas orações tinham momentos pré-estabelecidos, tais como: tarde, manhã, meio-dia e noite. Assim, essas práticas veterotestamentárias constituem uma das raízes da Liturgia das Horas.

Raízes da liturgia das horas no Novo Testamento: O Cristo em oração constante

¹⁰ BOENING, Harry Raul. *Liturgia das Horas*. São Leopoldo, 2003, p. 11. Dissertação (Mestrado profissionalizante) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação, 2003. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Mest_Prof/boening_hr_tmp05.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019. Obs.: o autor desta dissertação utilizou a Bíblia de Jerusalém para as referências. Entretanto o autor da presente pesquisa alterou as referências para estarem em acordo com a Nova Almeida Atualizada, a qual é utilizada em todo o corpo do texto.

¹¹ A estrutura da Liturgia das Horas será explicada em um segundo artigo, o qual abordará a estrutura e a teologia por trás de cada hora, além de impulsos para sua prática.

¹² BOENING, 2003, p. 11.

¹³ VOGEL, 2013, p. 110.

¹⁴ BECKHÄUSER, A. *O sentido da Liturgia das Horas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 18.

A primeira raiz do NT seria o Cristo orante. Este tem uma vida orante mui ativa. Ele seguiu a prática de oração diária do AT, da religião judaica. Mas queria muito purificá-la da hipocrisia, da ostentação e das muitas palavras que eram usadas pelos hipócritas e pagãos (cf. Mt 6.5,7)¹⁵.

Jesus, mesmo no caminho e no momento da cruz, orava ao Pai. Os Evangelhos mostram Jesus em diversos momentos de sua vida em oração, à noite, mas também “bem cedo pela manhã na montanha, na solidão, no deserto”¹⁶. Um exemplo seria Lc 6.12: “naqueles dias, Jesus se retirou para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus”. Também em Mc 1.35: “Tendo-se levantado de madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus saiu e foi para um lugar deserto, e ali orava”.

Existem diversos exemplos do Cristo orante que, em uma leitura atenta da Bíblia, podem ser observados. Entretanto, esses dois citados já concedem uma importante base para o assunto. Assim, com esse aspecto da vida de Jesus, conclui-se que “toda a sua vida é louvação e adoração que sobem ao céu como uma imensa sinfonia de amor e de gratidão”¹⁷.

O exemplo da oração na Igreja Primitiva

Jesus foi quem deu a ordem para a oração constante da Igreja (Lc 18.1; Mt 18.20; Jo 16.23). Por isso, Ele promete o outro Consolador, o qual é aquele que irá estar com cada um daqueles que creem (Jo 14.15-31). Assim, este é o que irá ensinar aos crentes a orar e a viver como filhos de Deus. Dessa forma, “a oração da Igreja perpetua a [oração] de Jesus, porque é feita em nome dele, e inspirada pelo mesmo Espírito que animava o Senhor Jesus”¹⁸.

Os primeiros cristãos, assim como narra o livro de Atos dos Apóstolos, perseveravam na oração (At 2.42). Os discípulos também iam ao Templo a fim de louvar e bendizer ao Senhor (Lc 24.53). Além disso, o apóstolo Paulo recomenda aos cristãos a orarem sem cessar (1Ts 5.17); a cantar com todo o coração com salmos, hinos e cânticos espirituais (Cl 3.16); a orar constantemente, com vigílias, em favor dos cristãos (Ef 6.18). Na prática da Igreja Primitiva, os cristãos oravam em conjunto e, também, em horários determinados. Em média de três vezes por dia: de manhã, ao meio-dia e a noite [tarde] (At 2.15; 3.1; 10.9; 16.25).

Pode-se perceber um grande indício de uma forma primitiva da Liturgia das Horas, tanto no AT quanto no NT, essa forma é desenvolvida na história eclesiástica até se transformar no que se conhece por Liturgia das Horas.

Surgimento e desenvolvimento na história eclesiástica

A igreja cristã, logo no século II d.C., passou por um processo de gradativa institucionalização de sua vida eclesiástica e espiritual. O entusiasmo do cristianismo primitivo estava desaparecendo, dando lugar a costumes e práticas fixas. Por exemplo, instituiu-se aos poucos um ciclo semanal de celebrações; e, com o surgimento da comemoração da Páscoa, são lançados os fundamentos de um calendário eclesiástico. Dreher, afirma que, com base na carta de Plínio a Trajano, os cristãos se reuniam duas vezes por dia, sendo um culto de manhã com pregação e um culto à noite, também com pregação e juntamente com ela, a celebração da Ceia do Senhor¹⁹. Parte deste processo de institucionalização das formas litúrgicas e espirituais é o

¹⁵ BECKHÄUSER, 1996, p. 19.

¹⁶ BOISSINOT, 1998, p. 10.

¹⁷ BOISSINOT, 1998, p. 11.

¹⁸ BOISSINOT, 1998, p. 13.

¹⁹ Cf. DREHER, Martin. *História do Povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 33-39.

surgimento da Liturgia das Horas. Já na Didaqué, documento dos cristãos desta época citada acima, encontra-se a recomendação de se rezar o Pai-Nosso três vezes por dia (Did 8.3), seguindo o exemplo de Daniel. Com isso, o Pai-Nosso substituiu o “*Shemá Yisrael*” e o “*shemoneh ‘éresh*”, vistos acima e que eram usados no AT²⁰. Schnitzler conta sobre como estava a Liturgia das Horas nesse período: “Um século e meio depois de Cristo: a oração das horas é um componente firmemente definido da vida e da oração cristãs. Não é o clérigo, mas o cristão, a pessoa batizada vê na liturgia das horas uma vinculação natural”²¹.

Na Tradição Apostólica, escrita por Hipólito, por volta do início do século III d.C., há a descrição de sete horas durante o dia para os mais devotos. Essas horas, porém, tinham um caráter mais individual, particular. O seu esquema de estruturação tinha a paixão e a morte de Cristo como pano de fundo a ser seguido²². Nesse período, a igreja cristã passava por inúmeras perseguições por parte do governo romano, por isso as recomendações de Hipólito possuem um caráter mais particular. Em Constantino, as perseguições foram proibidas²³. Dessa forma, foi possível a liberdade religiosa, e o reunir-se em comunidade publicamente. Com isso, surgiram duas modalidades de orações: o ofício do povo (ou das catedrais) e o ofício monástico²⁴.

O ofício do povo tinha como característica a oferta de reunir os fiéis em dois momentos-chave do dia: bem cedo de manhã e à tarde (final do dia). Nesse aspecto, os hinos, salmos e intercessões são parte central desses momentos²⁵. White aponta dois documentos que podem dar uma pequena visão sobre como era o ofício do povo: o primeiro, seria Eusébio de Cesareia, no século IV d.C. Ele diz que hinos, louvores e total rendição a Deus seriam feitos ao amanhecer e ao entardecer, em todas as comunidades cristãs. O segundo documento, seria as Constituições Apostólicas, este instrua os cristãos à reunião diária, de manhã e de noite, com cântico de salmos e orações na casa de Deus²⁶. Beckhäuser aponta quais eram os participantes deste ofício: “todo o povo: Bispo, presbíteros, diáconos, ministros, religiosos e leigos. [...] as duas Horas diárias [...] constituíam uma experiência diária do mistério pascal de Cristo pela oração comunitária”²⁷. O ofício do povo se perdeu em poucos séculos no Ocidente²⁸.

Já o ofício monástico era computado de acordo com as vigílias romanas. Os monges são aqueles que começam a utilizá-las para a contagem do tempo. Isso em função de suas orações, sendo estas o grande Ofício de louvor, como reza as palavras de Cristo: “Vigiai e orai, para não cairdes em tentação” (Mt 26.41)²⁹. Segundo White, o monaquismo, ou seja, a vida nos mosteiros, surgiu como uma forma de protesto contra o cristianismo estatal, ocorrido na união entre a igreja e o império, sendo em suas origens era um grupo de pessoas leigas. Ele ainda aponta para Cassiano, no século V, o qual relata que os primeiros monges, na região do Egito, tinham um sistema estabelecido de orações nas reuniões e vigílias noturnas. White continua dizendo que na região Oriental o monaquismo refinou um ciclo diário de culto³⁰. Basílio, nas Regras Menos Extensas, século IV, coloca as duas horas mais importantes (manhã e noite), além das orações menores, segundo ele: “Nenhuma dessas horas seja esquecida por aqueles que se decidiram a

²⁰ VOGEL, 2013, p. 111.

²¹ SCHNITZLER *apud* VOGEL, 2013, p. 111.

²² WHITE, 2016, p. 82.

²³ Cf. DREHER, 2013, p. 69.

²⁴ Cf. VOGEL, 2013, p. 111-112; WHITE, 2016, p. 83-84; e BECKHÄUSER, 1996, p. 20.

²⁵ VOGEL, 2013, p. 111.

²⁶ WHITE, 2016, p. 83.

²⁷ BECKHÄUSER, 1996, p. 20.

²⁸ WHITE, 2016, p. 83.

²⁹ BECKHÄUSER, 1996, p. 21.

³⁰ WHITE, 2016, p. 84.

viver com fervor para a glória de Deus e de seu Cristo”³¹. O ciclo das horas foi completado no Ocidente com a adoção das sete horas mais a hora antes de ir dormir. Bento foi aquele que definiu o esquema a ser seguido no Ocidente. O qual é este: “Vésperas (ao final do dia de trabalho); Completas (antes de ir dormir); Noturnas ou Matinas (no meio da noite); Laudes (ao raiar do dia); Prima (pouco depois); Terça (no meio da manhã); Sexta (ao meio-dia); e Nona (no meio da tarde)”³².

A ordem de São Bento é aquela que põe as diretrizes para a prática da Liturgia das Horas, resumindo o desenvolvimento até sua época e o encerrando até os dias atuais³³. De acordo com Herwegen, a unidade entre o abade e os monges, a qual acontece por meio da obediência, ensino, aprendizado, esforço humilde, tem o seu fim em Deus somente. Como *corpus monasterii*³⁴, tudo o que fazem é em Deus e para Deus por meio da oração. Para Bento, este é o ponto clímax de toda a vida dos monges nos mosteiros³⁵. Segundo o autor citado, o pensamento de Bento tinha a seguinte questão: “pela prática das virtudes e, principalmente, pela entrega total de si mesmo a Deus na humildade, deve o monge tornar-se apto a rivalizar os anjos no louvor a Deus”³⁶.

Para Bento, nada pode ter primazia ao culto ordenado em comunhão (*Opus Dei – nihil operi Dei praeponatur*). Em Bento há margem para oração pessoal, por isso que se desconhece formas litúrgicas exacerbadas como na tradição oriental ou acúmulos de salmos e orações como no monasticismo gálico-irlandês. Pois, para ele a oração deve ser breve e pura (*Brevis ... et pura oratio*), tanto na vida do mosteiro quanto no cotidiano de cada monge. A intenção por trás disso é uma ordem para que não haja sobrecarga a ninguém. Olhando a partir das formalidades, Bento não cria nada de novo, mas tão somente simplifica, uniformiza e ordena aquilo que já havia sido constituído³⁷.

Essas duas formas da Liturgia das Horas (ofício do povo e o ofício monástico) se desenvolveram juntas, tendo muitas semelhanças. Entretanto, os oito ofícios diários foram se afastando da vida popular e o clero secular copiou a forma monástica e a tinha como práxis nas igrejas locais, as quais estavam normalmente vazias nesses ofícios³⁸. Com isso, pode-se perceber o motivo pelo qual a Liturgia das Horas, sob o ofício do povo, não foi mais praticada na história da igreja. Pois o Ofício Divino passou a ser apenas a forma monástica e não mais a forma popular.

Nos mosteiros, entretanto, a Liturgia das Horas estava fazendo sucesso, conseguindo despertar as pessoas para uma vida litúrgica. A salmodia, feita em canto por dois grupos de monges, era a parte principal do ofício monástico. Também era feita a leitura contínua da Bíblia, como bem diz White, em forma de uma disciplina atlética. Faziam parte do ofício monástico pedaços de sermões dos Pais da Igreja, lendas de mártires, coleção de orações, responsórios e invitatórios³⁹.

Para o clero secular, a Liturgia das Horas não era mais tão acessível, pois tinham-se multiplicado a quantidade de livros que eram necessários para a prática das horas, assim como as formalidades exigidas pelo ofício monástico. Por isso, houve algumas tentativas de reformas depois de Bento, mas sem sucesso. Foi somente, no séc. XII, sob Inocêncio III (1198-1216) que o

³¹ BASÍLIO DE CESAREIA. *As Regras Monásticas*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 107.

³² WHITE, 2016, p. 84-85.

³³ VOGEL, 2013, p. 114.

³⁴ Que significa o Corpo do Mosteiro, ou seja, os monges que convivem no mosteiro.

³⁵ HERWEGEN, Ildefonso. *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Edições “Lumen Christi”, 1953, p. 147.

³⁶ HERWEGEN, 1953, p. 148.

³⁷ VOGEL, 2013, p. 114.

³⁸ WHITE, 2016, p. 85.

³⁹ WHITE, 2016, p. 85.

ofício divino foi organizado diferentemente, em forma mais curta, resultando no *modernum officium*, com o lecionário abreviado, quantidade maior de hinos e calendário modificado. Na leitura das Escrituras houve uma abreviação e aumento de festas de santos⁴⁰.

Até nesse período o ofício teve como marca o canto coral, entretanto, com as novas formas de viagem e estudo, houve motivos para surgir uma recitação mais individual, conhecida como breviário de bolso. Fazendo com que os corais não fossem mais tão importantes. Tanto que no séc. XVI os jesuítas foram desobrigados da recitação em corais.

Nesse tempo existiam algumas regras abusivas a serem cumpridas para a prática do ofício divino, além de desordens em festas comemorativas. Assim, tentativas de reformas começaram a surgir. Alguém a ser citado é Francisco de Quiñones, com o Breviário da Cruz, em 1537. Mas todas as tentativas de reforma foram superadas e proibidas pelo Breviário Romano de 1568, o qual se tornou regra uniforme até o Concílio Vaticano II, por volta de 1970. Por parte dos papas Pio X em 1911, e Pio XII, em 1963, houve tentativas de mudanças, mas somente em 1970, sob Paulo VI é que de fato alterações vieram, por decisão conciliar no Concílio Vaticano II⁴¹.

Em suma, o desejo do concílio era que as pessoas leigas também pudessem ter acesso à Liturgia das Horas, por isso essa reformulação. Segundo Boissinot, “[n]os desejos do Vaticano II, o novo Ofício divino deve ser ‘*uma verdadeira fonte de piedade*’ e oferecer ‘*um alimento para a oração pessoal*’”⁴². Por isso, não poder-se-ia continuar com toda aquela carga, pois o ser humano moderno já tem dias abarrotados de atividades. Com a alteração do concílio, deu-se a possibilidade de a pessoa leiga entrar na profundidade da liturgia das horas. Como citado acima, o papa Paulo VI foi quem conseguiu estabelecer essas mudanças, seguindo alguns critérios: foi considerada a mudança de vida que ocorreu na modernidade; houve a combinação entre as horas canônicas e as do dia; a carga de orações foi diminuída; ao invés de recitar o saltério todo uma vez por semana, foi alterado para uma vez a cada quatro semanas; assim, as leituras ganharam maior significado; também foram incluídas preces durante a práxis da Liturgia das Horas⁴³. Com isso, deve ficar claro que a Liturgia das Horas não é um sistema fechado com regras que não podem ser moldadas. Ela quer ser algo de enriquecimento da espiritualidade pessoal, um alimento para a vida de oração e devoção da pessoa.

A Liturgia das Horas também foi desenvolvida em setores das igrejas protestantes. Pela presente pesquisa ser de cunho de confessionalidade luterana, abordar-se-á no contexto de Lutero e das igrejas luteranas.

Em Lutero, encontra-se uma crítica ao culto de sua época. Ele era feito apenas como boa obra. Assim, também, as horas no mosteiro, eram obrigação e não ato de louvor e rendimento total a Deus. Com isso, Lutero os critica dizendo que a Palavra de Deus foi silenciada nesses contextos; além disso, muitas coisas sem sentido foram inseridas nos cultos e nas horas; como consequência dos dois anteriores, a fé desapareceu das pessoas. O problema, para Lutero, não era a prática dos cultos e das horas em si, mas a motivação por trás da prática. Assim, ele diz que é necessário que os cristãos se reúnam, da mesma forma do que no tempo dos apóstolos, de manhã e à tarde⁴⁴. Na liturgia desses cultos diários (horas), Lutero põe em destaque a Palavra de Deus, sendo de manhã a leitura contínua do Antigo Testamento e à tarde, podendo ser livremente escolhidos textos do Novo Testamento. Além disso, deveria haver momentos de louvor e de súplica, onde poderiam ser usados salmos, responsórios, antífonas, etc. Entretanto, todo o

⁴⁰ VOGEL, 2013, p. 116; WHITE, 2016, p. 86.

⁴¹ WHITE, 2016, p. 86; VOGEL, 2013, p. 116-117.

⁴² BOISSINOT, 1998, p. 20.

⁴³ VOGEL, 2013, p. 117.

⁴⁴ VOGEL, 2013, p. 118.

momento litúrgico diário, não deveria ultrapassar de uma hora⁴⁵. Algo a ser apontado é que a intenção de Lutero é tornar as horas mais próximas do cotidiano das pessoas leigas, sem todas as regras monásticas enfadonhas, que se tornaram obrigação e não uma espiritualidade saudável⁴⁶.

Depois de Lutero, a Liturgia das Horas sobreviveu por alguns anos ainda, nos círculos luteranos. Como exemplo pode-se citar a época em que o músico Johann Sebastian Bach esteve em Leipzig (1723-1750). Ali havia diversos cultos diários onde se poderia ouvir a palavra de Deus. Entretanto, no fim do séc. XVIII, eles desapareceram. Subsistindo ainda na Romênia, em círculos luteranos, até o séc. XX⁴⁷.

Atualmente, existem diversos movimentos que tentam trazer de volta a prática da Liturgia das Horas para as comunidades. Entretanto, sem muita repercussão⁴⁸. O que se pode tirar desses movimentos é a importância desse tipo de espiritualidade nas comunidades evangélicas, sendo oração comunitária, culto comunitário. A partir da Liturgia das Horas, feita corretamente, fica à mostra como a oração ordenada liturgicamente no tempo ajuda na unidade dos cristãos, em nome de Deus, para louvá-lo, e render-se totalmente, em confiança, a Ele⁴⁹. Além de ser uma forma de ordenar a espiritualidade, a fim de torná-la saudável.

Considerações finais

Com a presente análise do tema pudemos perceber qual são os fundamentos e a importância da Liturgia das Horas na história da Igreja Cristã. Constata-se que esta prática é totalmente fundamentada na espiritualidade veterotestamentária bem como do próprio Cristo e do protocristianismo, a qual foi sistematizada pelo movimento dos mosteiros em fins da Idade Antiga e início da Idade Média. Com isso buscou-se mostrar em como a Liturgia das Horas foi importante na História da Igreja e foi fonte de alimento a inúmeras pessoas (monges e pessoas simples) que queriam um relacionamento com o Deus vivo. Espera-se que a importância desta prática espiritual tenha sido explicitada. Em um segundo artigo, será falado sobre a sistematização da Liturgia das Horas, bem como o significado de cada horas e, por fim, alguns impulsos para a prática da mesma nos dias atuais.

Referências

ALDAZÁBAL, José. *Instrução Sobre a Liturgia das Horas*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

BASÍLIO DE CESAREIA. *As Regras Monásticas*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BECKHÄUSER, A. *O sentido da Liturgia das Horas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BÍBLIA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. *Nova Almeida Atualizada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

⁴⁵ VOGEL, 2013, p. 118; WHITE, 2016, p. 87-88.

⁴⁶ VOGEL, 2013, p. 119.

⁴⁷ WHITE, 2016, p. 88.

⁴⁸ Cf. VOGEL, 2013, p. 127-131. A autora cita alguns desses movimentos, tais como: a comunidade de Taizé; as *Liturgische Blätter für Jugenarbeit*, de 1984; o *Evangelisches Tagzeitenbuch* de 1998.

⁴⁹ Cf. VOGEL, 2013, p. 132.

BOENING, Harry Raul. *Liturgia das Horas*. São Leopoldo, 2003, p. 11. Dissertação (Mestrado profissionalizante) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação, 2003. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/biblioteca/btd/Textos/Mest_Prof/boening_hr_tmp05.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

BOISSINOT, Alberto. *O Que é a Liturgia das Horas?* São Paulo: Loyola, 1988.

COSTA, Valeriano dos Santos. Liturgia das Horas: a memória de Cristo ao longo do dia. In: *Revista da Cultura Teológica*. Ano XIV n.56 Jul/Set. São Paulo, 2006. p. 73-86.

DREHER, Martin. *História do Povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

HERWEGEN, Ildefonso. *Sentido e Espírito da Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Edições “Lumen Christi”, 1953.

VOGEL, Ingrid. A Liturgia dos Tempos do Dia. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Cristoph; MEYER-BLANK, Michael; BIERITZ; Karl-Heinrich (Eds.). *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.